

A MARGINALIZAÇÃO ESPACIAL NO ESPAÇO URBANO: O CASO DO BAIRRO DA UNIÃO EM PARINTINS-AM

George Cruz dos Santos¹

Tatiana da Rocha Barbosa²

RESUMO

O presente trabalho apresenta análises concernentes à prática de marginalização espacial discutindo-a em seus aspectos econômicos, políticos e culturais. Nesta perspectiva o objetivo central do trabalho foi identificar estabelecendo ponderações sobre quais os principais fatores que permitem caracterizar o bairro da União em Parintins-AM como marginalizado. A pesquisa foi embasada no Método Materialismo Histórico e Dialético, houve também levantamento bibliográfico com a intenção de compreender o conceito de marginalização espacial, prática de campo a área de estudo para assim consolidar os procedimentos metodológicos empregados no decorrer do trabalho: levantamento histórico sobre a produção do bairro por meio de conversas informais (livres) com moradores, catalogação dos elementos que contribuem para a marginalização do bairro com auxílio de câmera fotográfica e caderneta de campo, no intuito de melhor compreender a realidade sócio-espacial do bairro, e aplicação de questionários com alunos de geografia de todos os períodos da Universidade do Estado do Amazonas-CESP/UEA que não residem no bairro, como também, com os próprios moradores. Os resultados da pesquisa sinalizam que o bairro da União já é produzido marginalizado sem nenhum planejamento urbano, e que essa marginalização se perpetua no bairro atualmente sobre suas três facetas: econômica, devido nele reside famílias de baixa renda, desempregados; política por apresentar precária assistência do Estado; e cultural pelos diversos adjetivos negativos que recebe da vizinhança que o cerca com sentimentos de preconceito e discriminação.

Palavras-chave: Espaço urbano, marginalização espacial, bairro da União.

INTRODUÇÃO

A concepção teórica referente ao urbano preestabelece que ele está para além da cidade. O urbano é a manifestação de um modo de vida produzida por todas as técnicas, tempos, razões e emoções que se manifestam nas práticas sociais sejam elas de ordem

¹ Graduando do curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas/ Centro de Estudos Superiores de Parintins.

² Bacharel, Licenciada em Geografia (UFAM), Mestre em sociedade e cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM). Professora da Universidade do Estado do Amazonas.

econômicas, políticas, sociais ou culturais que ajudam a construir e dinamizar o espaço da cidade.

O espaço urbano através da divergência entre necessidades e interesses dos membros da sociedade possui contradições geradoras de conflitos por sua vez, contribuintes para a configuração do espaço geográfico. Neste sentido, o espaço se produz reproduzindo conflitos, marginalizando lugares e indivíduos.

Partindo desta perspectiva a produção engendrada pelo homem por meio das práticas espaciais promove a produção de um espaço multifacetado e contraditório, entre tais práticas se destaca a marginalização espacial que é o atributo de valores feito a um dado lugar seja de ordem econômica, política ou cultural contribuindo assim para marginalizá-lo da rede de lugares ao qual se vincula. Por meio desta concepção, buscou-se com esta pesquisa identificar quais os principais fatores que permitem caracterizar o bairro da União localizado na zona sul da cidade de Parintins como marginalizado.

No auxílio as resposta frente às indagações postas durante a pesquisa à mesma foi embasada no método Materialismo Histórico e Dialético no intuito de compreender a realidade da área estudada como essencialmente contraditória e em permanente transformação. Houve também levantamento bibliográfico referente ao tema. Também se realizou práticas de campo para se fazer o levantamento histórico da produção do bairro que se fez por meio de conversas informais (livres) com moradores, pois para a tentativa de compreensão da produção do espaço é necessário conhecer os processos históricos de sua produção; catalogação dos elementos que contribuem para a marginalização do bairro com auxílio de câmera fotográfica e caderneta de campo para fazer os registros e as anotações necessárias sobre a área.

Na pesquisa também se fez a aplicação de 40 questionários com alunos de geografia de todos os períodos da Universidade do Estado do Amazonas-CESP/UEA, como também, de 40 com os próprios moradores. O questionário se fez importante para compreender como o bairro é percebido pelas pessoas que residem e as que não residem no mesmo.

PANORAMAS URBANOS: REFLEXÕES SOBRE A MARGINALIZAÇÃO ESPACIAL E A CIDADE

A cidade e a vida urbana vivem um estágio de complexidade, movida por uma dinâmica repleta de conflitos sócio-espaciais que se dão tanto na vida como no espaço desse objeto. As mudanças em âmbito global no contexto econômico, político, ideológico e cultural

produziram uma nova organização do espaço urbano que culminou devido às contradições do atual modelo econômico em uma série de conflitos no tecido sócio-espacial como é caso da marginalização espacial.

Por marginalização espacial, Corrêa (2000) enfatiza que é o atributo de valores que um dado lugar recebe seja de ordem econômica, política ou cultural que contribuem para marginalizá-lo da rede de lugares a qual se vincula.

Partindo do conceito exposto acima, se evidencia segundo Tavares Filho (2001), que a marginalização perpassa por questões socioeconômicas refletida na disparidade entre ricos e pobres; na precária assistência do Estado em satisfazer as necessidades da população em especial da camada mais pobre; ela também se dá pela criação de preconceitos e discriminações culturalmente criados.

Refletir a marginalização espacial em uma visão dialética no contexto de uma globalização perversa (SANTOS, 2008) onde a exploração do homem pelo homem (mais-valia) é notória no espaço, permite apreender que essa prática espacial não acontece de forma aleatória, mas imposta em benefício de grandes agentes capitalista. Assim, possibilita refletir sobre quem realmente é cidadão, quem de fato vive e sobrevive na cidade, quem tem seus direitos ouvidos de forma plena. De outro modo, a marginalização espacial contribui para que a cidade seja “[...] o principal lugar dos conflitos sociais” (CORRÊA, 2003, p. 05).

A prática espacial de marginalização expõe sobre a cidade um estado de pobreza marcada por um lado pela existência de espaços luminosos e de outro pelos espaços opacos sendo os primeiros segundo Santos (2008) espaços da beleza, de tudo aquilo que o dinheiro pode comprar, dos privilégios, espaços pertencentes à classe dominante, e os segundos se constituindo como verdadeiros bolsões de miséria revelando o lado mais violento da cidade.

Para entendermos como se dá a marginalização por meio de todos os campos das relações sociais, Tavares Filho (2001, p. 15) nos propõe o seguinte em uma visão geral sobre o tema:

Do modelo sócio-econômico excludente, consideram-se como excluídos os cidadãos que se encontram socialmente marginalizados, como os sem-terra, os sem-teto, os menores em situação de abandono, os enfermos que são vítimas da saúde pública, os velhos que se encontram desamparados, os toxicômanos, os alcoólatras, os deficientes mentais, os doente mentais, os aposentados que ganham um salário insuficiente para sobreviver, as prostitutas, os prostituídos, os aidéticos, os índios, os negros, as empregadas domésticas, os desempregados, e todos aqueles marginalizados pela sociedade, que recebem tratamento diferenciado por discriminação e preconceitos.

Essa visão de marginalização que o referido autor menciona acima possibilita refletir que essa prática é resultado de diferentes fatores tendo como principal a pobreza que põe indivíduos a margem de terem acesso a necessidades básicas para sobreviver como saúde, educação, moradia entre outros. Neste sentido, pessoas vivem à margem do contexto social onde só a elite dominante tem acesso. Assim, os indivíduos marginalizados acabam vivendo alienados da sociedade abandonados a própria sorte.

No geral, o autor expõe que no modelo socioeconômico atual somado mais a perversidade da globalização a prática de marginalização está espacializada em todos os campos da vida social: no campo econômico pela má distribuição de renda, pela grande disparidade entre ricos e pobres, pelo número alarmante de desempregados; no campo da política pela precária atenção do Estado para com a sociedade em especial dos serviços oferecidos às classes mais pobres; e no campo cultural pela criação de sentimentos excludentes que se perpetuam como normais, naturais, de preconceitos e discriminação.

Separar e reinar, é dessa forma que se manifesta a marginalização espacial na cidade e na vida cotidiana urbana. Separam-se os indivíduos e os lugares um dos outros e se faz reinar uma psicofera³ marcada pelo medo, os sentimentos de exclusão, criando na vida e na relação entre as pessoas territórios específicos e fragmentados.

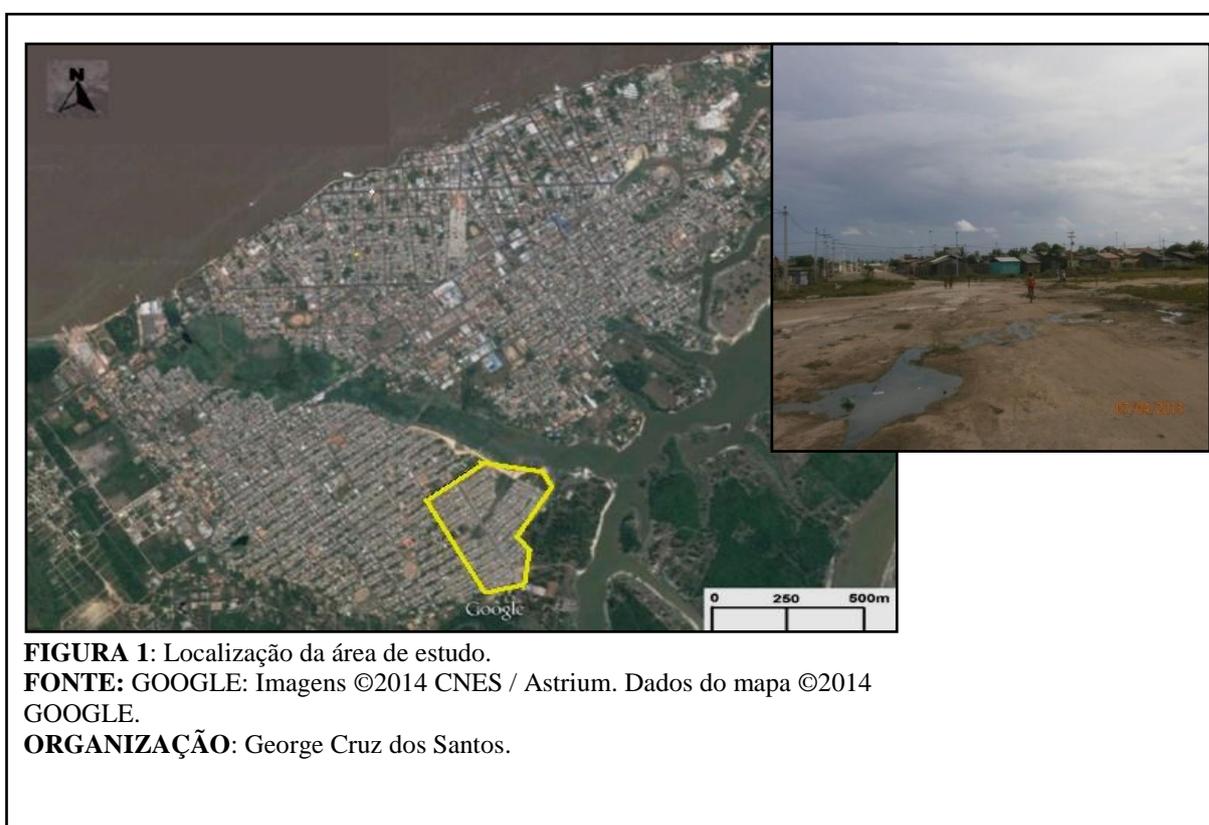
De acordo com Kashiwagi (2005), um espaço marginalizado recebe estigmas muito profundamente por forças exógenas a ele, ou seja, sua marginalização se dá por uma imposição de valores de quem dele não compartilha a realidade. Por outro viés, a classe dominante marginaliza as classes pobres por não viver a realidade socioeconômica destas, moradores de um condomínio de luxo marginalizam quem vive na periferia por considerarem as condições desses lugares como inóspitos a vida, além de verem as pessoas que vivem nesses espaços como perigosas.

Em um contexto geral, a força da marginalização torna “[...] a cidade [...] demarcada por cercas, fronteiras imaginárias, que definem o lugar de cada coisa e de cada um dos moradores” (Rolnik, 1995, p. 41). Ou seja, que conduzida pela força maior de decisão da classe dominante somada mais a precária assistência do Estado com os mais pobres e a criação de preconceitos e discriminação, a cidade fragmenta-se a partir da marginalização de lugares e indivíduos.

³ Segundo Milton Santos (2008) a psicofera está relacionado ao reino das ideias, crenças, na produção de um sentido.

ÁREA DE ESTUDO: O BAIRRO DA UNIÃO

O bairro da União localizado na zona sul da cidade de Parintins (figura 01) se produziu a partir de um dos maiores conflitos sociais que as cidades brasileiras enfrentam: a luta por moradia. De outro modo, o bairro é oriundo de ocupações⁴ que tiveram início no ano de 2008 se concretizando em 2009, em uma área pertencente ao empresário de nome Paulo Corrêa. Depois de requerer na justiça a posse da área ocupada, o Sr. Paulo Corrêa foi ressarcido pelo poder público.



Diante da historicidade do bairro da União, se evidencia que o mesmo já é produzido marginalizado a partir de aspectos de ordem política e econômica. Política, porque o processo de ocupação que culminou na origem do bairro segundo Rodrigues (1994) é reflexo das ineficientes políticas públicas de moradia ofertadas pelo o Estado contribuintes para que

⁴Segundo Rodrigues (1994) as ocupações são movimentos sociais reivindicativos urbanos que buscam ocupar terras inutilizadas na cidade.

movimentos sociais reivindicativos urbanos buscassem ocupar aquela área inutilizada na cidade de Parintins no intuito de conseguir terras para morar. De outro modo, o movimento de ocupação efetivou um direito que deveria ser efetuado pelo Estado, sem que houvesse esse processo.

A produção do bairro é resultado de marginalização econômica, porque diante de uma cidade cara e segregada, o processo de ocupação do bairro foi efetivado por grupos de pessoas de baixa renda, desempregados, sem tetos, denominados por Corrêa (2003) de grupos sociais excluídos que no âmago do sistema capitalista, estão submetidos ao que Milton Santos (2008) chama de a violência do dinheiro que é o fato de apenas uma minoria (classe dominante) ter acesso a todos os privilégios que o dinheiro pode comprar.

Por meio da definição de marginalização espacial que Corrêa (2000) nos oferece de ser o atributo de valores que um dado lugar recebe seja de ordem econômica, política ou cultural, então, se fará reflexões do bairro da União a seguir partir desses três aspectos.

A MARGINALIZAÇÃO ESPACIAL DO BAIRRO DA UNIÃO EM UM CONTEXTO ECONÔMICO

Observa-se no atual momento uma verdadeira deterioração da vida humana, que também perpassa pelo caráter perverso da globalização em impor sobre o espaço geográfico e a vida que o anima a marginalização econômica.

Por marginalização econômica, Tavares Filho (2001, p. 14) entende que enfoca “[...] o fator econômico da distribuição de renda, que privilegia uma minoria elitizada que domina as riquezas, em detrimento da exploração, miséria e pobreza de uma grande parte da população que permanece socialmente injustiçada e à margem das oportunidades sociais”. Neste sentido, o bairro da União também é uma prova da grande disparidade que existe entre ricos e pobres evidenciados na sua história de produção e na sua paisagem atual.

Apesar do caráter econômico marginalizador, os residentes do bairro da União buscam criar tipos de estratégias para sobreviver. Neste sentido, esses moradores são entendidos por Santos (2008) como pobres lutadores e não como miseráveis derrotados como se observa nas palavras do autor ao fazer a diferenciação entre os dois termos: “Miseráveis são os que se confessam derrotados. Mas os pobres não se entregam. Eles descobrem cada dia formas inéditas de trabalho e de luta. Assim, eles enfrentam e buscam remédios para suas dificuldades” (Idem, 132).

No bairro da União, a luta dos moradores se manifesta principalmente pelas diferentes formas de trabalho para ganhar alguns trocados como o pequeno comércio feito em casa (figura 02), pequenas oficinas, lanches, venda de churrascos, etc.



FIGURA 02: Morador vendendo almoço pronto no bairro.
FONTE: George Cruz, Agosto de 2014.

As estratégias de sobrevivência de moradores em realizar pequenas atividades econômicas são positivas para o processo de acumulação capitalista, pois gera o que Silveira (2001) denomina de circuito inferior da economia, que no fundo é um meio para que os produtos do circuito superior adentrem todos os lugares para serem consumidos⁵.

A respeito do que Silveira (2001) menciona, o mesmo morador que possui um pequeno comércio, além de satisfazer suas necessidades, serve também, de suporte para que grandes empresas dos mais diferentes ramos possam comercializar seus produtos ou adentrar aqueles lugares que elas não conseguem.

De acordo com Rodrigues (1994), apesar da história de produção do bairro da União refletir a crise habitacional que o Brasil vive, no fundo ele também serve para que o capital

⁵ Silveira (2001) menciona que o circuito superior da economia é aquele produzido pelos grandes agentes do capital (grandes empresas) que possuem o privilégio de possuir alta tecnologia, capital e organização de suas ações em uma visão global, já o circuito inferior é gerado pela classe de baixa renda, pelos pobres sobre as mais diversas formas de serviços de baixa tecnologia, emprego de capital, mão-de-obra e visão de mercado.

imobiliário continue acumulando, principalmente com as indústrias de construção civil de insumos como tijolos, cimento, telhas etc.

Segundo Corrêa (1997), espaços que refletem a marginalização econômica (como o bairro da União), é necessário para manter a sociedade de classes. Neste sentido, o bairro é uma forma espacial que no contexto capitalista de produção tem a função de reproduzir a classe proletária ou um exército de reserva que possibilite a formação de mão-de-obra barata, logo, da retirada de mais-valia.

Por fim, apesar de a marginalização econômica ser resultado das crises que o capitalismo está fadado sempre a sofrer, David Harvey (1980) enfatiza que é sobre suas próprias crises que o capitalismo retira forças para continuar acumulando, gerando mais-valia e mantendo o sistema de classes.

A MARGINALIZAÇÃO ESPACIAL DO BAIRRO DA UNIÃO EM UM CONTEXTO POLÍTICO

Ao se tratar de marginalização política, está se refletindo sobre a ação do Estado com relação à efetivação de políticas sociais em prol das necessidades da camada mais pobre da sociedade, logo, do próprio sentido de cidadania e o sentimento de pertencer à cidade, já que o direito à cidade segundo Lefebvre (2001), também perpassa pelo direito a uma política igual e justa para todos. Um direito que não fica só no papel, mas que é posta em prática com um único e exclusivo objetivo: de proteger e assegurar a vida sem distinção de classes.

Apesar de ser o papel de o Estado assegurar a vida sem distinção de classes, Milton Santos (2008) menciona que no atual período de globalização, o este agente prática a não-política, que é aquela política marginalizadora, excludente, geradora de um mal-estar social que recai mais profundamente sobre a classe mais pobre.

Essa não-política mencionada por Milton Santos se apresenta no bairro da União em muitas situações como no abandono de obras públicas, por exemplo, (ver figura 03), ou na falta daquelas que deveriam existir como escolas, postos de saúde, etc.



FIGURA 3: Obra do governo federal abandonada no bairro da União.

FONTE: George Cruz, agosto de 2014.

É por esse tipo de situação de perversidade política como mostra a imagem acima, que Corrêa (2003, p. 24) enfatiza que, “[...] é decorrente de seu desenvolvimento [...] desigual enquanto provedor de serviços públicos especialmente aqueles que servem à população, que o Estado se torna o alvo de certas reivindicações de segmentos da população urbana”.

Apesar do quadro de marginalização política que o bairro da União evidencia, essa situação detém de uma lógica para existir. Para compreendermos essa lógica Faleiros (1991, p. 12) enfatiza que mesmo garantidos em leis, auxílios e serviços “[...] geralmente aparecem como favores à população. Assim, são implantadas em certas conjunturas políticas, como, por exemplo, para a cata de votos [...]”. Neste sentido, o quadro de infraestrutura precária que o bairro da União possui, serve no fundo para que políticos consigam votos (aspecto que de acordo com moradores acontece).

É por todo esse tipo de situação mencionada acima, que o bairro da União é politicamente marginalizado.

A MARGINALIZAÇÃO ESPACIAL DO BAIRRO DA UNIÃO EM UM CONTEXTO CULTURAL

Outra face da marginalização é aquela que se dá em um contexto cultural, que segundo Corrêa (2000) contribui para alterar a importância dos lugares a nível tanto espacial quanto

social. Espacial porque se criam sentimentos de desprezo quase que natural com determinados espaços, e social porque quem neles habita são vistos com preconceito, com discriminação.

Tavares Filho (2001) enfatiza que a marginalização cultural parte inicialmente da cultura de pobreza. De acordo com o autor a “[...] cultura de pobreza, define um grupo social marginalizado, com baixo nível de organização, criando-se uma sub-cultura [...]” (Idem, p. 14).

Sendo de baixo nível de organização, o autor prossegue dizendo que a cultura de pobreza desenvolve nos grupos marginalizados “[...] padrões de valores abaixo dos níveis considerados como normais para o contexto social convencionalmente aceitáveis pela sociedade organizada” (p. 14).

Sobre o bairro da União, moradores mencionaram que o mesmo recebe estigmas em função de tráfico de drogas, prostituição e violência.

Por se tratar de um bairro periférico surgido sem nenhum planejamento urbano e aos problemas sociais que possui, a cultura de pobreza contribui para que o bairro da União receba um cunhado de adjetivos tanto por instituições como pela própria sociedade como menciona Rolnik (1995, p. 67): “[...] para o planejamento urbano, as favelas e áreas de invasão, assim como os cortiços e os quintais, são habitações subnormais. Geralmente, o que o planejamento urbano chama de subnormal, a polícia chama de marginal e o povo em geral de má vizinhança [...]”

Por fim, são por todos os elementos mencionados anteriormente que o bairro da União é culturalmente marginalizado.

A PERCEPÇÃO DA POPULAÇÃO SOBRE O BAIRRO DA UNIÃO

Para buscar compreender como se dá a percepção da população sobre o bairro da União, se fez a aplicação de questionários divididos entre duas populações testadas.

A primeira: diz respeito aos moradores do bairro da União com um total de 40 questionários aplicados;

A segunda: diz respeito a acadêmicos do curso de geografia da Universidade do Estado do Amazonas que não residem no bairro com um total, também, de 40 questionários sendo divididos entre os quatro 4 períodos (1º período, 4º período, 6º período e 8º período).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS MORADORES DO BAIRRO DA UNIÃO

Este tópico consiste na análise e discussão dos dados coletados no questionário aplicados aos moradores do bairro através de 4 perguntas subjetivas. A análise foi feita de acordo com a seqüência das perguntas resultando em tabelas com as variáveis e o número de moradores que as mencionaram.

Ao serem perguntados: Quais suas impressões sobre o bairro da União?

Obteve-se a seguinte tabela.

TABELA 1: Quais suas impressões sobre o bairro da União?

PRINCIPAIS VARIÁVEIS MENCIONADAS	Nº de moradores que responderam
Precário	38
Esquecido pelo Estado	29
Violento	27
Pobre	25

FONTE: George Cruz, Outubro de 2014.

Analisando a tabela 1, considera-se que há relação entre as variáveis. O fato de alguns moradores perceberem o bairro como precário (1ª variável), está diretamente relacionado que para muito deles o bairro está esquecido pelo Estado (2ª variável). Ambas as variáveis evidenciam segundo Corrêa (2000) a marginalização política do bairro, que se dá pela precária assistência do Estado em atender as necessidades da população, em particular dos grupos sociais excluídos.

Corroborando sobre o conceito, Faleiros (1991) enfatiza que essa marginalização política no bairro no fundo, serve também, para que políticos façam promessas ou realizem obras como troca de favores por obtenção de votos. Esse aspecto evidencia a não-política mencionada por Santos (2008), realizada por “políticos” que vêem bairro não pelos problemas que possui, mas pelos votos que dele podem ser extraídos.

O fato de moradores considerarem o bairro da União Violento (3ª variável) restringe-se segundo eles ao grande número de roubos, furtos, brigas entre galeras que existe no bairro sendo que roubos e furtos são resultantes da marginalização econômica que muitas vezes serve para alimentar o vício das drogas impondo, por conseguinte, a marginalização cultural,

haja vista que os elementos mencionados segundo Tavares Filho (2001) são exemplos de desvio de padrão perante o que o contexto social organizado considera como correto.

Refletindo mais a fundo, a presença de galerias no bairro da União é um dado preocupante, haja vista pelo que se observou que esses grupos são formados em linhas gerais por muitos adolescentes, que no decorrer do processo se tornam menores marginalizados com baixas expectativas de futuro (TAVARES FILHO, 2001).

Pode-se constatar que há no bairro muitos adolescentes que por algum motivo deixaram de estudar e outros que nunca entraram numa sala de aula o que contribui para a baixa expectativa de futuro desses indivíduos. Neste sentido, cabe aqui fazer críticas ao poder público que diante desse quadro não efetiva nenhuma ação ou projeto que busque oportunizar a essas pessoas expectativas de futuro. Um dos resultados desse quadro é a entrada de adolescentes cada vez mais cedo no mundo do crime como de fato acontece no bairro da União. Com relação à variável pobre mencionada, esta se relaciona ao desemprego e a falta de assistência do Estado.

Ao serem perguntados: Quais os principais problemas de moradia que os habitantes enfrentam?

Obteve-se a seguinte tabela:

TABELA 2: Quais os principais problemas de moradia que os habitantes enfrentam?

PRINCIPAIS VARIÁVEIS MENCIONADAS	Nº de moradores que responderam
Infra-estruturar precária	35
Muito lixo	33
Pouco policiamento	28
Tráfico de drogas	26

FONTE: George Cruz, Outubro de 2014.

Analisando a tabela 2, se constatou que a variável 1 (infra-estruturar precária) tem certa influência sobre as demais, especificamente sobre a variável 2 (muito lixo), e 3 (pouco policiamento). Essa influência se dá porque muitas ruas do bairro ainda não estão asfaltadas o que prejudica a entrada do carro coletor de lixo e de viaturas para fazer policiamento.

Vale salientar, que mesmo nas ruas asfaltadas a presença de lixo foi considerável resultado de um serviço coletor de lixo precário feito no bairro. De acordo com moradores, muito do lixo que o carro coletor coleta vai caindo pelas ruas do bairro resultando em um odor

forte, e quando envolve resto de alimentos atraindo animais que podem transmitir doenças como ratos e baratas. Moradores ainda mencionaram, que o serviço de varrição de ruas oferecido pela prefeitura não é feito no bairro e a situação se agrava ainda mais em dias de chuva, quando o lixo se espalha por todo o bairro.

Com relação à variável 4 (tráfico de drogas) esse problema segundo moradores ocorre de modo geral em todo o bairro gerando, por conseguinte, um ambiente hostil aos moradores que muitas vezes não denunciam por medo de sofrerem junto com suas famílias represália pelos traficantes. A questão preocupante nesse panorama de acordo com moradores, é que traficantes se utilizam da mão-de-obra adolescente para a venda de drogas sendo que é comum em plena madrugada segundo eles encontrar adolescente comercializando drogas. Essa situação se agrava ainda mais, pelo fato que há adolescentes que não são apenas intermediários na venda de drogas, são também, consumidores e sabendo que até o momento Parintins não possui nenhuma clínica especializada no tratamento de dependentes químicos esse quadro ganha um estado de caos.

Diante de um modelo econômico excludente, mesmo sendo o tráfico de drogas um desvio de padrão perante a lei e o contexto social convencionalmente aceitável, para certas pessoas que vendem drogas no bairro da União, esse desvio no fundo é uma “[...] manobra contra os efeitos mais alienantes do processo de globalização hoje em curso [...]” (SOUZA, 2000, p. 109), de outro modo, reflete que se o sistema não dá oportunidades para os mais oprimidos eles acabam criando estratégias para sobreviver, mesmo que muitas dessas estratégias vão de encontro com aquilo que a lei e o contexto social consideram aceitável.

Ao serem perguntados: O senhor (a) tem costume de ouvir comentários sobre o bairro da União?

Obteve-se a seguinte tabela:

TABELA 3: O senhor (a) tem costume de ouvir comentários sobre o bairro da União?

PRINCIPAIS VARIÁVEIS MENCIONADAS	Nº de moradores que responderam
Um bairro violento	38
Infra-estruturar precária	35

FONTE: George Cruz, Outubro de 2014.

Analisando a tabela 3, se observa as principais variáveis que contribuem para que o bairro da União receba uma marginalização externa. De modo particular, a variáveis 1

contribui para que o bairro sofra de uma marginalização cultural, pois cria sentimentos negativos nas pessoas que não residem no mesmo, que vêem a população residente do bairro segundo Rolnik (1995) como uma vizinhança perigosa.

De acordo com moradores, muitas das pessoas que são presas no bairro da União não são de fato moradoras do mesmo, mas apenas buscam se refugiar ali. No entanto, esse fato também contribui para os sentimentos de marginalização pela população vizinha.

Com relação à variável 4 (infra-estrutura precária), mencionada por pessoas que não residem no bairro, se constata que existe no referido bairro uma marginalização política por parte do Estado (CORRÊA, 2000).

Ao serem perguntados: Qual sua opinião sobre o modo como o bairro surgiu?

Obteve-se a seguinte tabela:

TABELA 4: Qual sua opinião sobre o modo como o bairro surgiu?

PRINCIPAIS VARIÁVEIS MENCIONADAS	Nº de moradores que responderam
Necessidade de morar	39
Surgiu por invasão	35
Resultado da precária assistência do Estado com relação à moradia	24
Pessoas se aproveitaram com a venda de terrenos	22

FONTE: George Cruz, Outubro de 2014.

Analisando a tabela 4, se observa na variável 1 (necessidade de morar) que o bairro reflete um dos maiores conflitos sociais enfrentado nas cidades brasileiras resultado da marginalização econômica e política (RODRIGUES, 1994).

De acordo com moradores, a área onde é hoje o bairro da União não tinha nenhuma utilidade pelo seu antigo proprietário enquanto que uma gama de pessoas sofria por falta de moradia. Esse aspecto evidencia o que Rodrigues (1994) enfatiza de que é comum na cidade homens sem terra e terra sem homens conviverem juntos lado a lado sobre o mesmo espaço.

A variável 2 (surgiu por invasão), evidencia que os próprios moradores se consideram (mesmo que não sendo a intenção) invasores. Esse aspecto acaba se tornando um adjetivo marginalizador feito pelos próprios moradores, pois os mesmos não se vêem como ocupantes, mas como invasores. Indo além, a mídia parintinense também contribui para que o termo invasão se perpetue como correto, haja vista que é comum sair em noticiários o termo empregado ao bairro.

Na variável 3, os moradores mostram que a “invasão” só ocorreu devido ser resultado da falta ou da precária assistência do Estado com relação a moradia. Neste sentido, trata-se de marginalização política, pois o Estado também contribui a partir de políticas precárias a população mais carente para que na cidade não exista justiça social de forma plena e igual para todos (HARVEY, 1980).

A variável 4, expressa a indignação de moradores com o fato de que muitas pessoas se aproveitaram da luta da grande maioria apenas para conseguirem lotes de terra para vender o que tirou a possibilidade de pessoas necessitadas obterem uma a moradia, logo, ainda a viverem marginalizadas a não terem um lugar próprio para viver.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS ACADÊMICOS DE GEOGRAFIA

Este tópico consiste na análise e discussão dos dados coletados nos questionário aplicados aos acadêmicos do curso de geografia. O total de 40 questionários foram distribuídos entre os 4 períodos (8º, 6º, 4º e 1º períodos) num total de 10 cada período. Devido haver acadêmicos no curso residentes de deferentes bairros de Parintins, a intenção dos questionários aplicados a esta população testada foi de compreender como o bairro da União é percebido pela vizinhança que o cerca. Vale salientar, que a análise foi feita de acordo com a seqüência das perguntas resultando em tabelas com as variáveis e o número de acadêmicos que as mencionaram.

Ao serem perguntados: Quais suas impressões sobre o bairro da União?

Obteve-se a seguinte tabela abaixo.

TABELA 5: Quais suas impressões sobre o bairro da União?

PERÍODOS DE GEOGRAFIA	PRINCIPAIS VARIÁVEIS MENCIONADAS	Nº de acadêmicos que responderam
8º Período	Periférico	8
6º Período	Pobre	7
4º Período	Precário	6
1º Período	Precário	6

FONTE: George Cruz, Outubro de 2014.

Analisando a tabela 5, se observa que no 8º período a variável “periférico” foi a mais citada. Muitos dos acadêmicos mencionaram algumas características que justificaram suas respostas como infra-estrutura precária e falta de saneamento básico, ambas interligadas a marginalização política, haja vista segundo Rodrigues (1994) que a expressão periferia não diz respeito à distância do bairro para o centro de Parintins, mas pelas precárias políticas públicas ofertadas pelo Estado.

Com relação à variável “pobre” mencionada por grande parte dos acadêmicos do 6º período, trata-se de marginalização cultural, haja vista segundo Tavares Filho (2001) que caracteriza um sentimento de sub-cultura ou de inferioridade.

Com relação à variável “um bairro precário”, mencionada tanto pelo 4º como pelo 1º período está diretamente relacionada ao sentido de periferia mencionada pelo 8º período, haja vista que o precário para esses acadêmicos restringe-se em grande parte a infra-estrutura, logo, de marginalização política.

Ao serem perguntados: Você moraria no bairro da União?

Obteve-se a seguinte tabela:

TABELA 6: Você moraria no bairro da União?

PERÍODOS DE GEOGRAFIA	Nº de acadêmicos que responderam sim ou não	PRINCIPAIS VARIÁVEIS MOTIVACIONAIS
8º Período	SIM (7) NÃO (3)	Não tem casa própria Distância do centro da cidade
6º Período	SIM (5) NÃO (5)	Infraestrutura que o bairro vai receber Distância do centro da cidade
4º Período	SIM (5) NÃO (5)	Não tem casa própria Devido à violência
1º Período	SIM (5) NÃO (5)	Não tem casa própria Devido à infra-estruturar precária

FONTE: George Cruz, Outubro de 2014.

Analisando a tabela 6, se observa que muitos dos acadêmicos que responderam que morariam no bairro da União, apresentaram como principal fator motivacional a questão que muitos deles ainda não têm casa própria ou o interesse de apenas conseguir uma residência

como é o caso do 8º, 4º e 1º períodos, enquanto que para a maioria dos acadêmicos do 6º período a razão relaciona-se a infra-estrutura que o bairro está ou ainda vai receber.

Vale analisar que muitos dos acadêmicos que demonstraram uma impressão negativa do bairro da União na tabela 5, são os mesmos que responderam que morariam no bairro. De outro modo, apesar de terem uma visão marginalizadora do bairro, estes mesmos acadêmicos, também, no fundo são pessoas marginalizadas pelo sistema a não terem uma casa própria para morar.

Já os acadêmicos que responderam que não morariam no bairro da União apresentaram como principais fatores motivacionais a variável “distância do centro da cidade” como é o caso do 8º e 6º períodos; a variável “devido à violência” 4º período que reflete a marginalização cultural; e a variável “infra-estrutura precária” 1º período que reflete a marginalização política.

Ao serem perguntados: O senhor (a) tem costume de ouvir comentários sobre o bairro da União?

Obteve-se a seguinte tabela abaixo:

TABELA 7: O senhor (a) tem costume de ouvir comentários sobre o bairro da União?

PERÍODOS DE GEOGRAFIA	PRINCIPAIS VARIÁVEIS MENCIONADAS	Nº de acadêmicos que responderam
8º Período	Um bairro violento	7
6º Período	Nível social baixo	6
4º Período	Um bairro violento	9
1º Período	Moradias precárias	7

FONTE: George Cruz, Outubro de 2014.

Analisando a tabela 7, se observa que os principais comentários que as pessoas ouvem sobre o bairro da União, diz respeito à violência (8º e 4º períodos); nível social baixo (6º período) e com relação às moradias precárias (1º período). Ambas as variáveis contribuem para que o bairro da União segundo Tavares Filho (2001), receba estigmas de espaço de sub-cultura, ou seja, o bairro e a população que nele reside são vistos como inferiores, de baixo nível espacial e social.

Ao serem perguntados: Qual sua opinião sobre o modo como o bairro surgiu?

Obteve-se a seguinte tabela:

TABELA 8: Qual sua opinião sobre o modo como o bairro surgiu?

PERÍODOS DE GEOGRAFIA	PRINCIPAIS VARIÁVEIS MENCIONADAS	Nº de acadêmicos que responderam
8º Período	Necessidade de morar	7
6º Período	Interesse político	5
4º Período	Surgiu por invasão	6
1º Período	Necessidade de morar	6

FONTE: George Cruz, Outubro de 2014.

Analisando a tabela 8, se observa que o 8º período mencionou a variável “necessidade de morar”. Com relação a esta variável, Santos (2008) enfatiza que é uma das formas violentas que a globalização impõe sobre aqueles que são excluídos de seus privilégios econômica e politicamente.

Já para grande maioria dos acadêmicos do 6º período o modo como o bairro da União surgiu, no fundo foi uma jogada política no sentido que a compra da área onde é hoje o bairro e a distribuição de terrenos foi uma estratégia para políticos adquirirem votos, não como um serviço que deveria ser feito gratuitamente, mas como uma troca de favores (FALEIROS, 1991).

Com relação ao 4º período foi significativa a variável “surgiu por invasão”. Como mencionado anteriormente em Rodrigues (1994), o processo que produziu o bairro da União foi de ocupação, haja vista que grupos sociais deram utilidade a uma área que estava inutilizada. Neste sentido, a variável “invasão” deve ser considerada como errada quando tratada com relação ao processo que produziu o bairro da União, logo, como um sentimento de marginalização, pois não só o processo é visto como invasão, mas os próprios moradores do bairro como invasores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises dos dados obtidos na pesquisa, se constatou que o bairro da União de fato é marginalizado seja no contexto econômico pela pobreza que expressa com famílias de baixa renda, desempregados; política pela precária assistência do Estado que contribuiu e ainda contribui para seu caráter periférico ou cultural pelos sentimentos de preconceitos e discriminações que recebe.

O referido bairro apresenta questões dinâmicas de marginalização, pois o mesmo não apresenta uma marginalização de agora, mas já é produzido marginalizado por questões econômicas, devido o processo de ocupação ser efetivada por famílias de baixa renda, desempregados, e política devido à precária assistência do Estado com relação à moradia.

Vista as várias situações vivenciadas com a pesquisa e constatadas nos questionários se pôde compreender que a prática de marginalização ao se produzir articula o espaço, produzindo o vivido, os lugares e o cotidiano das pessoas de forma conflituosa.

Na totalidade urbana de Parintins, o bairro da União se projeta como espacialidade que vive marginalizada da rede de lugares ao qual se vincula onde as relações sociais acontecem de forma estranha para aqueles que não vivem a realidade do mesmo.

Considera-se que marginalização do bairro se configura de várias facetas seja pela violência, pela infra-estrutura precária, pelo modo como foi produzido, pela pobreza. Porém, apesar de que para muitos que não residem no bairro o mesmo tem o sentido de marginalizado, para os que vivem nele foi o único lugar que se possibilitou adquirir um pedaço de terra para morar e pertencer à cidade. O bairro é um espaço geograficamente marginalizado, ele é vivido e experimentado de várias formas por quem nele reside e percebido por diferentes olhares e por vários motivos por quem nele não reside.

Enfim, a prática de marginalização espacial que se realiza no bairro da União é caracterizada como perversa, mas necessária para que o sistema de classes se perpetue e para que determinados agentes se beneficiem resultando na produção de um espaço repleto de complexidade.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço Urbano**. 4.ed. Ática: São Paulo, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 15-47.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

FALEIROS, Vicente de Paula. **O que é política social**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. Tradução: Armando Corrêa da Silva. Editora: HUCITEC, 1980.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. - São Paulo: Centauro, 2001.

Kashiwagi, Helena Midori. **A interação da geografia com o planejamento urbano nas análises espaciais dos espaços marginalizados no urbano**. Disponível em. <http://geografiahumanista.files.wordpress.com/2009/11/helena1.pdf>. Acesso em 03 de Abril de 2014.

RODRIGUES, Arlete Moisés. **Moradia nas cidades brasileiras**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. – São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

—————**Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 16. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVEIRA, Maria Laura. Economia política e ordem espacial: circuitos da economia urbana. In: SILVA, Cátia Antônia da (org.). **Território e ação social: sentidos da apropriação urbana**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2001, p. 35-51

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p.77-116.

TAVARES FILHO, Thomé Eliziário. **Padrões de valores e expectativas de futuro dos menores marginalizados em Manaus**. Manaus: EDUA, 2001.